

A TENSÃO ANÁRQUICA

ALFREDO BONANNO



A TENSÃO ANÁRQUICA

ALFREDO BONANNO



EDIÇÕES INSURRECTAS
2019

título original: la tensione anarchica,
de alfredo m. bonanno, publicado
originalmente por edizioni
laboratório, cuneo, em 1996.

traduzido para o inglês por jean weir,
publicado por elephant editions em
1998.

tradução para o português:
raividições, em 2006 e revisto em
2007.

versão revisada por:
edições insurrectas

disponível em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

**incitamos à pirataria,
odiamos a propriedade!**

A TENSÃO

ANÁRQUICA

Fico sempre um pouco embaraçado quando começo uma conversa; pelo menos no início. E este embaraço aumenta se for no que erradamente chamamos de conferências ou, como mais modestamente as tratamos, conferências-debates. Afinal, o que acontece é que alguém aparece de qualquer outro lado, talvez vindo de outra geração, como se tivesse caído do céu desde o passado. Alguém que se levanta nesta sala de aulas para iniciar uma conversa e estranhamente, perigosamente até, se parece com aqueles que martelam os cérebros de vocês, com intenções bem diferentes. Contudo, se escutarem com atenção, para além das aparências, há uma considerável diferença nos conceitos que estou prestes a delinear.

O primeiro destes conceitos toma a forma de uma questão: o que é o anarquismo? Pode parecer estranho que eu levante tal problema nesta situação, pois eu sei com toda a certeza que se encontram aqui muitos anarquistas, visto que os conheço pessoalmente. E mesmo que não soubessem mais nada, os anarquistas deviam saber pelo menos o que é o anarquismo. Ainda assim, é necessário levantar a questão

1Nota Edições Insurrectas: Fala feita pelo anarquista Alfredo Bonanno em janeiro de 1995 na Universidade de Cuneo, no território dominado pelo Estado Italiano Itália.

“o que é o anarquismo?” constantemente. Mesmo que em poucas palavras. E por que isso? Isto normalmente não acontece em outras expressões da vida, em outras atividades ou pensamentos que se definem, com algum fundamento, ser uma coisa ou outra.

E, portanto, os anarquistas continuam a colocar-se a mesma questão: o que é o anarquismo? O que significa ser anarquista? Por quê? Porque não é uma definição que possa ser feita para sempre, posta num cofre e considerada um patrimônio que possa ser extraído pouco a pouco. Ser anarquista não significa que se alcançou uma certeza, ou que se disse de uma vez por todas “ok, de agora em diante, eu possuo a verdade e como tal, pelo menos do ponto de vista da ideia, sou uma pessoa superior”. Alguém que pense assim é anarquista apenas na palavra. Ao contrário, o anarquista é alguém que realmente se coloca em dúvida como tal, como pessoa, e se pergunta: o que é a minha vida no que diz respeito ao que faço e em relação ao que penso? Que conexão consigo manter cada dia em tudo o que faço, um modo de ser anarquista continuamente e não chegar a acordos, não fazer pequenos compromissos diários etc.?

O anarquismo não é um conceito que pode ser encerrado numa palavra, como numa lápide. Não é uma teoria política. É um modo de conceber a vida, e a vida, sejamos jovens ou velhos, velhos ou crianças, não é algo definitivo: é uma aposta que devemos jogar dia após dia. Quando acordamos de manhã e colocamos os pés no chão, devemos ter uma boa razão para levantarmos, se não, não faz diferença nenhuma sermos anarquistas ou não. Podemos muito bem continuar na cama e dormir. E para termos uma boa razão, devemos saber o que queremos fazer; porque para o anarquismo, para o anarquista, não há qualquer diferença entre o que fazemos e o que pensamos; há sim

uma contínua inversão de teoria em ação e de ação em teoria.

É isso que torna o anarquista diferente de qualquer pessoa que tenha outro conceito de vida e que cristaliza este conceito numa prática política, em teoria política. É isto que normalmente não nos é dito, é isto que vocês nunca leem nos jornais, é isto que não está escrito nos livros, é sobre isto que a escola invejosamente se mantém calada, porque isto é o segredo da vida: nunca separem o pensamento da ação; as coisas que sabemos, as coisas que compreendemos, das coisas que fazemos, das coisas com as quais levamos a cabo as nossas ações.

Aqui está o que distingue um político de um revolucionário anarquista. Não as palavras, não os conceitos e, permitam-me, em certos aspectos nem mesmo as ações, pois não é a sua extrema – radical, digamos – conclusão em ataque que diferencia e caracteriza as ações. Não é nem mesmo a exatidão na escolha de objetivo que as qualifica, mas sim a maneira na qual a pessoa, o companheiro que realiza estas ações, tem sucesso em torná-las num momento expressivo da sua vida, numa caracterização específica, cheia de significado, de qualidade de vida, de prazer, de desejo, de beleza; não a realização prática, não a realização mal-humorada de uma façanha que é mortalmente um fim em si mesma e que lhe permite dizer: “Fiz alguma coisa hoje”, longe de mim mesmo, na periferia da minha existência.

Aí, isso é uma diferença. E desta diferença surge outra, uma considerável, na minha opinião. Alguém que pense que as coisas a fazer estão fora de nós mesmos e são realizadas como um número de sucessos e falhas – a vida é uma escada, as vezes sobe, as vezes desce, há alturas em que as coisas correm bem, outras em que correm mal – aí, quem quer que seja que pense que a vida é feita de tais coisas: por

exemplo, a figura clássica da política democrática (a bem da verdade, alguém com quem é possível conversar, um tipo amigável, tolerante, que tem um lado permissivo, que acredita no progresso, no futuro, numa sociedade melhor, na liberdade); bem, uma pessoa assim, provavelmente não estando com de terno, sem gravata, à vontade, uma pessoa que de perto, se parece com um companheiro e que ele mesmo se declara como sendo um companheiro, esta pessoa podia muito bem ser um infiltrado, não faz qualquer diferença. Por que não? Há policiais democráticos, o tempo da repressão de uniforme acabou, hoje em dia a repressão tem aspectos amigáveis; nos reprimem com montes de ideias brilhantes. Como podemos nós identificar esta pessoa, então? Este democrata, como podemos reconhecê-lo? E se ele nos puxa o capuz para cima dos nossos olhos de modo a evitar que o vejamos, como podemos nos defender dele? Nós podemos identificá-lo através deste fato: para ele a vida é execução, a sua vida é feita de fazer coisas, um fazer quantitativo que se revela nos seus olhos, e nada mais.

Quando falamos com alguém, não podemos pedir para ver o seu cartão de filiação. As suas ideias muitas vezes acabam por nos deixar totalmente confusos e incapazes de compreender qualquer coisa, porque todos são “agradáveis”, faladores, “progressistas” e valorizam a beleza da tolerância e tal. Como podemos notar que temos um inimigo em nossa frente, o pior dos nossos inimigos? Frente ao antigo fascista, ao menos podíamos nos defender. Ele nos batia e, se fôssemos capazes, batíamos de volta, endurecidos. Agora as coisas mudaram, a situação mudou. Pode até ser difícil de encontrar um brutamontes fascista hoje em dia. Mas o indivíduo que estamos a tentar descrever, este democrata que encontramos em todo o lado, na escola, no Parlamento, nas ruas ou no uniforme de polícia, um juiz ou um médico,

esta pessoa é nosso inimigo, porque considera a vida de um modo diferente do que nós a consideramos, porque para ele a vida é um outro tipo de vida, não é a nossa vida, pois para ele nós somos extraterrestres, e eu também não vejo porque é que deveríamos considerá-lo um habitante do nosso planeta. Esta é a linha divisória entre nós, porque o seu conceito de vida tem uma natureza quantitativa, porque ele mede as coisas como sucesso ou, se quiseres, falhas, mas sempre de um ponto de vista quantitativo, e nós as medimos de modo diferente, e é sobre isso que devíamos estar a pensar: de qual modo a vida tem um significado diferente para nós, um significado que é qualitativamente diferente?

Assim, esta amável figura se vinga com uma série de críticas para cima de nós e diz: “sim, os anarquistas são boas pessoas, mas são ineficientes. O que é que fizeram ao longo da história? Que Estado foi alguma vez anarquista? Alguma vez eles realizaram um governo sem governo? Não é uma sociedade livre, uma sociedade anarquista, uma sociedade sem poder, uma contradição?”. E esta série de questões que se abate sobre nós é certamente consistente, porque de fato se olharmos de perto mesmo para onde os anarquistas estiveram próximos de concretizar a sua utopia, como em Espanha ou na Rússia, se olharmos de perto, descobriremos que estas construções estão de alguma maneira abertas a críticas. Elas são certamente revoluções, mas não são revoluções libertárias, não são anarquia.

Portanto, quando estes senhores dizem: “você são utópicos, você anarquistas são sonhadores, a sua utopia nunca iria dar certo”, nós devemos responder: “sim, é verdade, o anarquismo é uma tensão, não uma realização, não uma tentativa concreta de chegar à anarquia amanhã de manhã”. Mas devemos também ser capazes de dizer: “mas você, distintos cavalheiros democratas no governo, que

regulam as nossas vidas, que pensam que podem entrar nas nossas cabeças, nos nossos cérebros, que nos governam através das opiniões que formam diariamente em seus jornais, nas universidades, nas escolas, etc..., o que é que os senhores realizaram? Um mundo no qual valha a pena viver? Ou um mundo de morte, um mundo no qual a vida é um assunto liso, vazio de qualquer qualidade, sem qualquer significado? Um mundo no qual uma pessoa atinge determinada idade, está prestes a se aposentar, e se pergunta: "mas o que é que eu fiz com a minha vida? Qual foi o sentido de ter vivido todos estes anos?".

Foi isso que vocês realizaram, é isso que a democracia de vocês é, a sua ideia do povo. Vocês estão a governar um povo, mas o que é que "povo" significa? Quem é o povo? É ele talvez aquela pequena, nem mesmo muito significativa, parte que vota, que vai às eleições, que vota em vocês, que nomeia uma minoria, que por sua vez nomeia outra minoria ainda menor que a primeira, e que nos governa em nome da lei? Mas o que são estas leis, senão a expressão dos interesses de uma pequena minoria, especificamente com o objetivo primeiro de beneficiar as suas próprias perspectivas de enriquecimento, o reforço do seu poder e por aí fora? Vocês governam em nome de um poder, uma força que advém do quê? De um conceito abstrato, vocês realizaram uma estrutura que pensam que pode ser melhorada... mas como, sendo assim, foi alguma vez ela melhorada na história? Em que condição é que estamos hoje a viver que não uma condição de morte, de um nivelamento de qualidade? Esta é a crítica que precisamos devolver para as pessoas que apoiam a democracia. Se nós anarquistas somos utópicos, somos como uma tensão em direção à qualidade; se os democratas são utópicos, o são como uma redução em direção à quantidade. E contra a redução, contra o atrofio

vivido numa dimensão do mínimo prejuízo possível para eles e do máximo prejuízo para o grande número de pessoas que são exploradas, a esta miserável realidade, nós opomos a nossa utopia, que é pelo menos uma utopia de qualidade, uma tensão em direção a outro futuro, um que será radicalmente diferente do que vivemos hoje.

Portanto, todas as observações feitas por qualquer pessoa que fale em nome do realismo político, “homens de Estado”, professores (que são os servos dos “homens de Estado”), teóricos, jornalistas, todos os intelectualóides que passam por salas de aulas como essa e na sua dialogante conversa com as palavras calmas, tolerantes, do estado realista, que em qualquer caso nenhuma outra coisa é possível, a realidade é o que é, é necessário fazer sacrifícios; aí, essas pessoas estão iludindo vocês. Estão a iludir porque vocês podem fazer algo mais, porque qualquer um de nós é capaz de se erguer em nome da nossa dignidade ferida diante de tal falsidade. Porque qualquer um de nós pode notar que fomos enganados, porque finalmente percebemos o que está sendo feito “em nosso nome”. E ao nos revoltarmos contra tudo isso nós podemos mudar não só a realidade das coisas dentro dos limites em que é possível conhecê-las, mas também a nossa vida, fazê-la valer a pena de ser vivida. Uma pessoa pode levantar-se de manhã, pôr os pés no chão, olhar-se ao espelho e dizer: “pelo menos fui capaz de mudar as coisas, pelo menos quanto a que me diz respeito” e sentir-se uma pessoa digna de viver a sua vida, não um fantoche nas mãos de um manipulador de fantoches que nem sequer consegue ver bem o suficiente para lhe cuspir na cara. É por isso que os anarquistas retornam constantemente à questão do que é o anarquismo. Porque o anarquismo não é um movimento político. Ou melhor, é, mas apenas num aspecto menor. O fato do movimento

anarquista se apresentar historicamente como um movimento político não significa que isto esgote todo o potencial de vida anarquista. O anarquismo não se dissolve no grupo anarquista de Cuneo, ou em grupos em Turim, Londres ou em qualquer outro lugar. Isso não é o anarquismo. É claro que há anarquistas lá, ou pelo menos devemos supor que haja, o tipo de companheiros que começaram a sua própria insurreição individualmente, que se tornaram conscientes do contexto de obrigação e coerção em que são forçados a viver. Mas o anarquismo não é apenas isso, é também uma tensão, a qualidade de vida, a força que conseguimos extrair de nós mesmos, a capacidade de mudar a realidade das coisas. O anarquismo é o total deste projeto de transformação ligado ao que nós realizamos em nós mesmos quando atingimos a nossa mudança pessoal. Portanto, ele não é um fato quantificável que possa ser escrito na história. Nem é um acontecimento que irá simplesmente ocorrer no decorrer do tempo, aparecendo através de teorias particulares, de pessoas, de movimentos, assim como de, por que não, atos revolucionários específicos. Há sempre algo a mais do que a soma destes elementos, e é este algo a mais que continua a fazer o anarquismo viver de outras maneiras. Assim, nós precisamos constantemente manter um relacionamento entre esta tensão em direção a algo completamente diferente, o impensável, o indizível, uma dimensão que devemos realizar sem sabermos muito bem como, e a experiência diária das coisas que podemos e, de fato, fazemos. Um relacionamento específico de mudança, de transformação.

O primeiro exemplo que me ocorre sobre este assunto é outro elemento contraditório. Pensem no conceito por detrás da frase "há problemas para serem resolvidos". Isto é uma frase clássica. Todos temos

problemas por resolver. A própria vida é um problema a ser resolvido. Viver é um problema, as nossas condições sociais, ter de romper o círculo que nos restringe, os simples acontecimentos do cotidiano. Nós consideramos tudo isto um problema.

As estruturas que nos oprimem (penso que muitos dos aqui presentes são estudantes) afirmam que os problemas podem ser resolvidos e que elas podem resolvê-los por nós. E mais além, elas usam o exemplo de problemas que são resolvidos em geometria, matemática, etc... mas este tipo de problema, os problemas de matemática que são apresentados como resolvíveis, são falsos problemas; eles não são realmente solucionados. As respostas a eles são uma simples repetição do mesmo problema sob outra forma; em termos técnicos, uma tautologia. Uma pessoa diz uma coisa e responde repetindo essa mesma coisa de outra forma. Portanto, basicamente, o problema não é resolvido de modo algum, é simplesmente repetido.

E quando falamos sobre resolver um problema que envolve as vidas de todos nós, a nossa existência diária, estamos a falar de questões de tal complexidade que não podem ser restringidas a uma simples repetição do próprio problema. Tomem, por exemplo, "o problema da polícia". A existência da polícia constitui um problema para muitos de nós. Que não haja dúvidas que o agente da polícia é um instrumento de repressão usado pelo Estado para evitar que façamos determinadas coisas.

Como é que resolvem tal problema? Pode o problema da polícia ser resolvido? A própria questão mostra-se absurda. Não há nada que seja a resolução do problema da polícia. Contudo, de um ponto de vista democrático, seria possível solucionar certos aspectos através da democratização de certas estruturas, da mudança de

atitudes dos polícias e por aí fora. Agora, pensar que isto pode ser uma solução para o problema de controle e repressão seria tão estúpido quanto ilógico. Na realidade, não é nada mais do que um modo de regular a repressão mantendo os interesses do poder, do Estado. Se uma política democrática é útil hoje em dia, uma muito menos democrática estrutura de controle nela incluída, permanece o grande mal-entendido. Por quê? A repressão pode ser útil no futuro, assim como já o foi no passado e quaisquer minorias invulgares, marginais, que pensem de outra forma sobre o assunto serão expulsas ou eliminadas das fileiras.

Quando digo polícia, quero dizer qualquer estrutura repressiva, desde a polícia militar à judiciária, todas as expressões do Estado que servem para nos controlar e reprimir. Assim, como podem ver, os problemas sociais não podem ser resolvidos. O engano operado pelas estruturas democráticas é precisamente a sua reivindicação de resolver tais problemas. Este engano mostra como as políticas democráticas não são baseadas na realidade nem mesmo num mínimo de concretude. Está tudo montado sobre a suposição de que as coisas podem ser melhoradas, que podem ser resolvidas com o tempo, que podem ser endireitadas. É sobre esta ideia de endireitar as coisas que a força do poder reside, e é sobre este melhoramento que o poder se sustenta e continua a médio e longo prazo. As relações de poder se alteram, enquanto esperamos pelo que nos prometeram, mas que nunca chega. Porque essas melhorias nunca se materializam. Porque o poder se altera e se transforma ao longo da história, permanecendo sempre o mesmo. Uma mão cheia de homens, uma minoria de pessoas privilegiadas que contêm os manípulos do poder, que olham pelos seus interesses e que salvaguardam as condições de supremacia de quem quer que seja que esteja no comando.

Agora, quais instrumentos nós temos para combater este estado das coisas? Eles querem nos controlar? Então nós recusamos o controle. É claro que podemos fazer isto. Sem dúvida que o fazemos, tentando minimizar os estragos. Mas recusar o controle num contexto social é válido até certo ponto. Podemos circunscrever certos aspectos, gritar quando somos golpeados injustamente; mas há certas áreas do poder onde as regras se chamam leis, os sinais indicam vedações e pessoas que se auto intitulam polícias evitam que nós entremos. Não há qualquer dúvida, tentem entrar no Parlamento e vejam o que acontece. Sei lá. Certos níveis não podem ser ultrapassados, certos controles são inevitáveis.

Portanto, o que é que nós fazemos para contrariar esta situação? Simplesmente sonhar? Ter uma ideia de liberdade, que além do mais tem de ser cuidadosamente formulada, pois não podemos dizer: "a liberdade que os anarquistas querem é simplesmente uma redução no controle". Nesse caso, seríamos confrontados com a questão: "mas onde é que termina esta redução no controle?". A um nível mínimo, talvez? Por exemplo, iria o Estado tornar-se legítimo para os anarquistas se, em vez de ser o Estado opressor de hoje, ele fosse, digamos, "o ideal Estado mínimo dos liberais"? Não, certamente que não. Assim, esse não é o modo de pensar. Não é uma questão de tentar limitar o controle, mas de abolir totalmente o controle. Nós não somos por mais liberdade. Mais liberdade é dada ao escravo quando as suas correntes são alongadas. Nós somos pela abolição da corrente, portanto nós somos pela liberdade, não por mais liberdade. Liberdade significa a ausência de todas as correntes, a ausência de limites e tudo o que sucede de tal afirmação.

A liberdade é um conceito difícil, desconhecido. É doloroso, e ainda assim é visto como algo belo, doce, tranquilo. Como um sonho tão distante que nos faz sentir bem, como todas as coisas que, sendo distantes, constituem esperança e fé, uma crença. Em outras palavras, estes inatingíveis, que aparentemente solucionam os problemas do presente, de fato não os resolvem, apenas os turvam, impedindo que tenhamos uma visão precisa de todas as mágoas do nosso tempo. Tudo bem, um dia seremos livres. OK, as coisas arqueiam-se numa confusão, mas no meio desta confusão existe uma força subterrânea, uma ordem involuntária independente de nós mesmos, que trabalha no nosso lugar, que irá gradualmente mudar as condições de sofrimento nas quais vivemos e que nos transportará para uma dimensão livre, onde todos viveremos felizes para sempre. Não, isso não é liberdade, isso é um engano que tragicamente se assemelha à velha ideia de Deus que muitas vezes nos ajudou, e ainda ajuda muitas pessoas hoje em dia, no seu sofrimento, pois dizem a si mesmas: "muito bem, estamos sofrendo hoje, mas estaremos bem melhor no outro mundo". De fato, como diz o evangelho, "os últimos serão os primeiros", convertendo os últimos de hoje, pois eles se veem como os primeiros de amanhã.

Se camuflássemos tal ideia de liberdade como real, estaríamos a fazer nada mais do que embalar o sofrimento de hoje, medicamentando feridas sociais exatamente da mesma maneira que o padre cura os pobres que escutam o seu sermão, iludindo a si próprios que o reino de Deus irá salvá-los da sua dor. Os anarquistas não podem pensar deste modo: a liberdade é um conceito destrutivo, que envolve a eliminação absoluta de todos os limites. Agora, a liberdade é uma ideia que devemos trazer nos nossos corações, mas ao mesmo tempo precisamos perceber que, se a desejamos,

devemos estar prontos para enfrentar todos os riscos que a destruição envolve, todos os riscos de destruir a ordem constituída sob a qual vivemos. A liberdade não é um conceito para nos embalar, na esperança que melhorias se desenvolverão independentemente da nossa verdadeira capacidade de intervir.

De modo a compreender tais conceitos, ao nos tornarmos conscientes dos riscos que uma pessoa corre por empunhar conceitos tão perigosos, nós devemos ser capazes de formar a ideia dentro de nós.

Há também uma considerável confusão acerca deste ponto. É costume considerar que qualquer coisa que passa pelas nossas cabeças é uma ideia. Uma pessoa diz "tenho uma ideia", e depois tenta perceber o que isso significa. Isto é o conceito Cartesiano de ideia, oposto ao Platônico, que é um ponto de referência abstrato longínquo. Mas não é a isto que nos referimos quando dizemos ideia. A ideia é um ponto de referência, um elemento de força que é capaz de transformar a vida. É um conceito carregado de valor, que se torna um conceito de força, algo que pode se desenvolver e fazer o nosso relacionamento com os outros ser diferente. Tudo isto é uma ideia. Mas qual é a fonte de onde nascem os elementos que tornam possível elaborar tais ideias? Escola, universidade, jornais, livros, professores, técnicos, televisão e por aí fora? O que é que chega até nós a partir destes instrumentos de informação e de elaboração cultural? Uma acumulação considerável de informação desaba sobre nós, ferve dentro de nós como um caldeirão, nos fazendo produzir opiniões. Tendemos não a ter ideias, mas opiniões.

Essa é a trágica conclusão. O que é uma opinião? É uma ideia nivelada, uma ideia que foi uniformizada de modo a tornar-se aceitável para o maior número de pessoas. As opiniões são ideias massificadas. É importante para o poder

que estas opiniões se mantenham, pois é através da opinião, do controle da opinião, que ele obtém determinados resultados, entre eles os mecanismos de propaganda e procedimentos eleitorais através do uso da imprensa. A formação de novas elites do poder advém não de ideias, mas de opiniões.

O que é que significa então alguém opor-se à fabricação de opiniões? Significa adquirir mais informação? Quer dizer, opor contrainformação à informação? Não, isso não é possível, pois não interessa como se olha para ela, não é possível se opor à enorme quantidade de informação com a qual somos bombardeados diariamente com contrainformação capaz de “desmascarar”, através de um processo de investigação de causas escondidas, a realidade que foi coberta por todo aquele palavreado informativo. Não, nós não podemos operar nessa direção. Quando tentamos fazer isso, percebemos que isso não tem sentido, de que nós não somos capazes de convencer as pessoas.

É por isso que os anarquistas analisam o problema da propaganda sempre criticamente: sim, é óbvio, como vocês podem ver há aqui uma mesa bem preenchida, como sempre acontece em iniciativas ou conferências deste gênero. Há sempre os nossos panfletos, os nossos livros. Nós estamos sobrecarregados com panfletos e somos bastante bons a dar vida a estas publicações. Mas esse não é o único tipo de trabalho que precisamos fazer, e em qualquer caso eles não contêm elementos de contrainformação, ou se contêm é puramente acidental. Este trabalho tem essencialmente o objetivo, ou deveria ter, de construir uma ideia ou um certo número de ideias-chave, um certo número de ideias fortes.

Deixem-me dar só um exemplo. Ao longo dos últimos três ou quatro anos desenvolveu-se um assunto que os jornais relataram usando termos terríveis como

“tangentopoli” ou “mãos limpas” (procedimentos legais em curso nos quais muitos políticos foram sentenciados por terem aceitado dinheiro de capitalistas em troca de contratos nos setores de obras públicas) e por aí fora. Agora, o que é que esta operação instigou nas mentes das pessoas? Ela construiu a opinião de que a lei é capaz de endireitar as coisas, de condenar políticos, de mudar condições e, portanto, pode levar-nos dos velhos conceitos típicos da primeira República Italiana para os novos da Segunda República. Esta opinião, este processo, é explicitamente bastante útil. Por exemplo, permitiu a emergência de uma “nova” elite do poder para tomar o lugar da antiga. Nova até certo ponto, mas com certas características e tristes ressurgimentos das cinzas de velhos hábitos e personagens. Esta é a maneira das opiniões funcionarem.

Agora, considerem a comparação deste processo de fabricação de opiniões, que tem consideráveis vantagens apenas para o poder, com a construção de uma ideia-força que pode ser uma análise em profundidade do conceito de justiça. A diferença é abismal. Mas qual está certa? Por exemplo, foi certamente correto para muitos, e também nós o consideramos correto, que o líder do ex-partido socialista Craxi² fosse forçado a permanecer fechado na sua casa na Tunísia. A coisa toda foi muito agradável, até nos fez rir, fez-nos sentir bem porque é bastante bom quando porcos àquele nível acabam sendo postos fora de circulação. Mas é isso a verdadeira justiça? Por exemplo, Andreotti³ está em

2 N.E. Insurrectas: Bettino Craxi, político do Partido Socialista Italiano (PSI), que para escapar da investigação da Operações Mãos Limpas pela qual era acusado de corrupção, foge para o território conhecido como Tunísia.

3 N.E. Insurrectas: Giulio Andreotti, político democrata cristão com conhecidas ligações com a máfia italiana. Foi por três vezes primeiro-ministro (1972-1973, 1976-1979, 1989-1992).

dificuldades. Parece que beijou Rima [chefe da máfia] na bochecha.

Tais notícias certamente que nos fazem sorrir, nos fazem sentir melhor, porque um porco como Andreotti era aborrecido mesmo ao nível simplesmente físico, apenas vê-lo na TV era o suficiente. Mas qual é esta ideia de justiça? Os juízes procuradores Di Pietro e Borrelli têm uma legião de fãs. Milhões de pessoas foram arrastadas para este processo de uniformização da opinião.

É o conceito de justiça, sobre o qual temos de refletir, algo diferente? A que é que ele deveria conduzir? Ele deveria nos conduzir ao reconhecimento de que se Craxi ou Andreotti são responsáveis, então pessoas como Di Pietro⁴ ou Borrelli⁵ são igualmente responsáveis. Porque se os primeiros são políticos, os outros são magistrados. O conceito de justiça significa delinear uma linha divisória entre aqueles que apoiam e defendem o poder e aqueles que se lhe opõem. Se a própria existência de poder é injusta, e se todas as tentativas, algumas das quais acabamos de ver, se revelam como sendo nada mais do que fraudes autojustificativas, qualquer pessoa de poder, mais ou menos democrática que ela possa ser, mantém-se sempre no lado errado da justiça, faça o que fizer.

Construir tal conceito de justiça obviamente significa formar uma ideia, uma ideia que não se encontra nos jornais, que não se passa nas salas de aulas ou nos auditórios das universidades, que não se pode tornar um elemento de opinião ou levar as pessoas a votar. De fato, tal ideia conduz a um conflito interno. Porque diante do julgamento de uma

4 N.E. Insurrectas: Antonio di Pietro, magistrado que integrou a Operações Mãos Limpas e posteriormente se tornou político pelo partido Itália dos Valores.

5 N.E. Insurrectas: Francesco Saverio Borrelli, procurador que foi encarregado de conduzir a Operações Mãos Limpas.

pessoa, essa pessoa pergunta-se: “mas eu, com a minha ideia de justiça social, de que maneira é que eu o vejo quando o que Di Pietro faz parece bom? Estou também eu a ser levado a passear, sou também eu um instrumento de opinião, um terminal dos grandes processos para a manutenção do poder, tornando-me não apenas seu escravo, mas também seu cúmplice?”.

Chegamos finalmente lá. Alcançamos o ponto da nossa própria responsabilidade: porque se é verdade que para os anarquistas não há diferença entre teoria e ação, assim que a ideia de justiça social se acende dentro de nós, assim que ilumina o nosso cérebro, mesmo que por uma fração de segundo, ela nunca mais se irá extinguir. Porque não interessa o que pensemos, nos sentiremos culpados, sentiremos que somos cúmplices, cúmplices de um processo de discriminação, repressão, genocídio, morte, um processo do qual nunca mais seremos capazes de nos sentirmos separados. Como poderíamos nos assumir revolucionários se assim não fosse? Que liberdade estaríamos apoiando se oferecêssemos a nossa cumplicidade aos assassinos no poder?

Percebem agora o quão diferente e crítica é a situação para quem é bem-sucedido, através de uma análise profunda da realidade ou simplesmente por sorte ou azar, em deixar uma ideia tão explícita como a ideia de justiça penetrar no seu cérebro? Há muitas ideias assim. Por exemplo, a ideia de liberdade é semelhante. Qualquer pessoa que pense sobre o que a liberdade realmente é, mesmo que por breves momentos, nunca mais será capaz de se contentar com o simples fato de fazer algo para aumentar ligeiramente a liberdade das situações em que vive. A partir desse momento se sentirá culpada e irá tentar fazer algo para aliviar o sofrimento. Receará ter feito mal por não ter feito

nada até agora, e a partir daí a sua vida mudará completamente.

Basicamente, o que é que o Estado pretende com a formação de opinião? O que é que o poder quer? Sim, é óbvio, ele quer criar opinião em massa pois, a partir disso, é capaz de efetuar determinadas operações, tais como votar, formar grupos de poder e por aí fora. Mas isto não é tudo o que eles querem. Eles querem o nosso consenso. Eles querem a nossa aprovação. E o consenso é obtido através de instrumentos específicos, especialmente aqueles que têm uma natureza cultural. Por exemplo, a escola é um dos reservatórios a partir dos quais o consenso é realizado e a força de trabalho intelectual futura, e não apenas intelectual, é construída.

Hoje o capitalismo requer um tipo de pessoa diferente em relação aos que necessitou no passado. Até há pouco tempo houve uma necessidade de pessoas com capacidades profissionais, orgulho nestas capacidades e qualificações particulares. Hoje a situação é bem diferente. O mundo do trabalho requer um nível de qualificação bastante modesto, enquanto qualidades que não existiam, e eram até inconcebíveis no passado, tais como flexibilidade, adaptabilidade, tolerância, capacidade de intervenção em reuniões etc. são requeridas em primeiro lugar.

Enormes unidades de produção baseadas em linhas de montagem, por exemplo, usam continuamente robôs construídos sobre a base conceitual de ilhas, pequenos grupos trabalhando em conjunto, que se conhecem e se controlam uns aos outros e por aí fora. Este tipo de mentalidade não se encontra apenas na fábrica. Não é somente um “novo trabalhador” que estão a construir, mas uma “nova pessoa”; uma pessoa flexível, com ideias humildes, bastante opaca nos seus desejos, com níveis

culturais consideravelmente reduzidos, linguagem pobre, leitura estandardizada, uma limitada capacidade para pensar e uma grande capacidade para tomar rápidas decisões “sim” ou “não”. Eles sabem como escolher entre duas possibilidades; um botão amarelo, um botão vermelho; um botão preto, um botão branco. Este é o tipo de mentalidade que estão a construir. E onde é que o estão a construir? Na escola, mas também no quotidiano. O que eles irão fazer com tal pessoa? Irão usá-la para alcançar todas as modificações que são necessárias para a reestruturação do capital. Ela será útil para uma melhor gestão das condições e relações do capitalismo de amanhã. E que relações serão estas? Serão baseadas numa mudança cada vez mais rápida, num apelo à satisfação de desejos não-existentes, desejos que são dirigidos, determinados por pequenos grupos que estão a se tornar cada vez mais numerosos. Esta nova pessoa é o oposto do que somos capazes de imaginar ou desejar; o oposto da qualidade, da criatividade, o oposto do verdadeiro desejo, do prazer de viver, o oposto de tudo isto. Como podemos nós lutar contra a realização desta pessoa-tecnológica? Como podemos nós combater esta situação? Poderemos esperar que chegue um grande dia, um grande dia que irá virar o mundo ao contrário? O que os anarquistas do século passado chamaram “la grande soirée”? A grande noite ou o grande dia – “le grand jour”? – na qual forças que ninguém podia adivinhar acabam por tomar o controle, explodindo naquele conflito social por que todos aguardamos, chamado revolução? E assim tudo mudará e haverá um mundo de perfeição e prazer? Esta é uma ideia milenar. Agora que nos aproximamos do fim do milênio ela podia desabrochar novamente. Mas as condições mudaram. Isto não é a realidade, não é esta espera que nos interessa. O que nos interessa é outro tipo de intervenção, uma muito

mais modesta, mas que é capaz de alcançar qualquer coisa. Como anarquistas, nós somos chamados a fazer algo. Somos chamados pela nossa própria responsabilidade individual e pelo que dissemos anteriormente – a partir do momento em que a ideia nos ilumina a mente, não a ideia de anarquia, mas a de justiça, a de liberdade... quando estas ideias iluminam as nossas mentes e vemos a fraude que temos diante de nós (o que hoje, mais do que nunca, podemos definir por “fraude democrática”), o que podemos nós fazer? Devemos pôr as mãos à obra, e este pôr as mãos à obra significa também organizarmo-nos. Significa criar as condições de referência e relação entre anarquistas, condições que devem ser outras que não as do passado.

A realidade mudou. Como disse anteriormente, estão a construir uma pessoa diferente, uma pessoa desqualificada, e estão a construí-la porque precisam construir uma sociedade desqualificada. Eles removeram a figura do trabalhador do centro da concepção da sociedade política como ele era, depois de o desqualificarem. No passado, o trabalhador suportava o grande choque da exploração. É por isso que se pensou que esta figura social iria necessariamente dar origem à revolução. Basta pensarmos na análise Marxista. “O Capital”, de Marx, é dedicado à “libertação” do trabalhador. Quando Marx fala de pessoa, ele refere-se ao trabalhador. Na sua análise de valor, ele está a falar do andamento do trabalho; na sua análise da alienação, ele está a falar do trabalho. Não há nada que não diga respeito ao trabalho. Mas é assim porque o trabalhador era central à análise Marxista quando esta foi desenvolvida. A classe trabalhadora podia ser vista como o centro da estrutura social.

Usando uma análise diferente, os anarquistas também andaram perto de considerar a posição do trabalhador como

o centro do mundo social. Pensem na análise anarco-sindicalista. Para os anarco sindicalistas era uma questão de levar o conceito de luta sindical até à últimas consequências, libertando-a da dimensão mais estreita do regatear sindical e desenvolvendo-a para realizar a revolução através da greve geral. Assim, segundo os anarco sindicalistas, a sociedade do futuro, a libertada sociedade anarquista, seria nada mais do que a sociedade atual liberta do poder, mas com as mesmas estruturas produtivas, não mais nas mãos dos capitalistas, mas nas mãos do coletivo que as iria gerir em comum.

Este conceito é absolutamente impraticável hoje em dia, por várias razões. Primeiro, porque a transformação tecnológica tornou impossível haver uma simples passagem da sociedade atual para a futura, na qual desejamos viver.

Uma passagem direta seria impossível, pela simples razão de que não é possível usar as tecnologias de informação em formas libertadas, de um modo libertador: as novas tecnologias e as aplicações tecnológicas computacionais não se limitaram a trazer certas modificações em instrumentos específicos, elas transformaram também todas as outras tecnologias. A fábrica, por exemplo, não é simplesmente uma estrutura do passado mais a tecnologia computacional, ela tornou-se uma fábrica computadorizada, o que é bastante diferente. Tendo isto em mente, podemos apenas mencionar estes conceitos de um modo muito geral, pois levaria algum tempo a analisá-los apropriadamente. Assim, devemos reconhecer que não é possível usar este patrimônio. Esta passagem corre paralela ao fim do mito da centralidade da classe trabalhadora. Agora, numa situação em que a classe trabalhadora praticamente se desintegrou, a possibilidade de uma expropriação dos meios de produção não existe mais.

Portanto, qual é a conclusão? A única conclusão possível é que este conjunto de instrumentos de produção que temos diante de nós seja destruído. A única maneira possível é transpor a dramática realidade da destruição. Se a revolução que imaginamos e que, além disso, não temos a certeza se algum dia chegará, ela não será a revolução do passado que se via como um único evento que podia até ter lugar em um dia, ou numa agradável noite, mas será um caso longo, trágico, sangrento, que poderá atravessar processos inconcebivelmente violentos, inconcebivelmente trágicos. Tudo isto é o tipo de realidade para o qual nos dirigimos. Não porque é o que nós desejamos, não porque gostamos de violência, sangue, destruição, guerra civil, morte, violação, barbaridade. Não é por isso, mas porque é o único caminho plausível, o caminho que a transformação desejada por aqueles que nos governam e que estão no comando tornaram necessário. Eles mudaram-se para este caminho. Nós não podemos, com um simples voo da imaginação, mudar tudo isso. No passado, hipóteses onde uma forte classe trabalhadora existia, uma pessoa podia enganar-se a si própria sobre esta passagem e organizar-se consoante esse engano. Por exemplo, a proposta organizacional do anarco sindicalismo viu um forte movimento sindicalista que, penetrando a classe trabalhadora e organizando a sua quase totalidade, era para levar a cabo esta expropriação e passagem. Este sujeito coletivo, que foi provavelmente mítico desde o início, não existe mais, mesmo na sua versão mítica, portanto que sentido haveria num movimento sindicalista de natureza revolucionária? Que sentido existiria no movimento anarco sindicalista? Nenhum.

Portanto, a luta deve começar em outro lado, com outras ideias e métodos. É por isso que temos desenvolvido uma crítica do sindicalismo e do anarco sindicalismo há cerca

de quinze anos. É por isso que nós somos, e nos definimos, anarquistas insurrecionalistas. Não porque pensamos que a solução seja as barricadas – as barricadas poderiam ser uma consequência trágica de escolhas que não são as nossas – mas somos insurrecionalistas porque pensamos que a ação anarquista deve necessariamente enfrentar problemas bastante sérios. Estes problemas não são desejados pelo anarquismo, são sim impostos pela realidade que aqueles no poder construíram, e ainda assim nós não podemos apagá-los simplesmente desejando que desapareçam. Uma organização anarquista que se projeta a si mesma no futuro deve, portanto, ser ágil. Ela não se pode apresentar com as enfadonhas características e o peso quantitativo das estruturas do passado. Não se pode apresentar numa dimensão de síntese, como organizações do passado onde a estrutura anarquista reclamou sumariar a realidade em “comissões” que tratavam de todos os vários problemas, tomando decisões em congressos periódicos com base em teses que remontavam até ao século passado. Tudo isto viu a sua hora; não porque um século passou desde que foi pensado, mas porque a realidade mudou.

É por isso que declaramos que há uma necessidade de formação de pequenos grupos baseada no conceito de afinidade, mesmo grupos pequeninos constituídos por muito poucos companheiros que se conheçam e aprofundem este conhecimento, porque não pode haver afinidade se uma pessoa não tem conhecimento sobre a outra. Alguém pode apenas reconhecer as suas afinidades indo aos elementos que determinam as suas diferenças, interagindo. Este conhecimento é um fato pessoal, mas é também uma questão de ideias, de debate, de discussões. Mas em relação aos primeiros pontos que tocamos esta noite, se se lembram, não pode haver ida às ideias se não houver

também uma prática de levar ações a cabo. Assim, há um contínuo processo recíproco de nos dirigirmos às ideias e de realizarmos ações.

Um pequeno grupo de companheiros, um pequeno grupo que simplesmente se encontra à noite para conversar um bocado, não seria um grupo de afinidade, mas sim um grupo de amigos, colegas dos copos que se encontram à noite para falar sobre qualquer coisa, sob o sol. Pelo contrário, um grupo que se encontra para discutir e ao discutir se prepara para fazer e nesse fazer contribui para desenvolver a discussão que se transforma ela mesma em mais discussão sobre coisas para fazer, este é o mecanismo do grupo de afinidade. Como, então, podem os grupos de afinidade entrar em contacto com outros onde o conhecimento profundo que existe no grupo singular não existe necessariamente? Este contacto pode ser assegurado pela organização informal.

Mas o que é uma organização informal? Podem existir relacionamentos de tipo informal entre os vários grupos de afinidade que entram em contacto uns com os outros, com o fim de trocarem ideias e fazerem coisas em conjunto, e conseqüentemente, a existência de uma organização, também bastante espalhada pelo país, composta talvez até por dezenas, ou porque não, centenas de organizações, estruturas, grupos com um carácter informal, baseada na discussão, análises periódicas, coisas para fazer em conjunto, etc. A lógica organizacional do anarquismo insurrecional é diferente à das organizações que abordamos anteriormente quanto ao anarco sindicalismo. As formas organizacionais aqui referidas em poucas palavras são dignas de análise, coisa que não consigo fazer na dimensão de uma conferência. Mas tal modo de organizar iria, em minha opinião, permanecer simplesmente algo dentro do

movimento anarquista, não tivesse ele também o objetivo de realizar relações para além deste; ou seja, através da construção de grupos externos, núcleos externos, também com características informais.

Estes grupos não deviam ser compostos apenas por anarquistas, qualquer pessoa que deseje lutar para atingir dados objetivos, mesmo que restritos, poderiam participar desde que levassem em conta um conjunto de condições essenciais. Primeiro de tudo, “conflito permanente”, ou seja, grupos com a característica de atacar a realidade na qual se encontram sem esperarem por ordens de outro lado qualquer. A seguir, a característica de serem “autônomos”, ou seja, não dependendo ou tendo relações nenhuma com partidos políticos ou organizações sindicais. Finalmente, a característica de encararem os problemas um a um e não propor plataformas de reivindicações genéricas, que iriam inevitavelmente transformar-se em administração segundo as linhas de um minipartido ou de um pequeno sindicato alternativo. O sumário destas ideias pode parecer bastante abstrato e é por isso que antes de terminar gostaria de dar um exemplo, porque algumas destas características podem ser mais bem compreendidas na prática.

Um modelo teórico deste tipo foi usado numa tentativa de evitar a construção da base de mísseis americana em Comiso no início dos anos 80. Os anarquistas que interviram durante dois anos construíram “ligas autogestionadas”. Estas ligas autogestionadas eram precisamente grupos não-anarquistas que operavam na zona, com o objetivo único de evitarem a construção da base através da destruição do projeto ao longo da sua realização.

As ligas eram núcleos autônomos caracterizados pelo facto de que o seu único objetivo era atacar e destruir a base. Eles não pegaram em um conjunto enorme de

problemas, porque se o tivessem feito teriam se tornado grupos de sindicalistas com o objetivo de, digamos, defender empregos ou encontrar trabalho ou resolver outros problemas imediatos. Em vez disso, o seu único objetivo era destruir a base. A segunda característica era o conflito permanente, isto é, a partir do momento em que estes grupos se formaram (eles não eram grupos especificamente anarquistas, mas havia pessoas neles que eram anarquistas), entraram em conflito com todas as forças envolvidas na construção da base, sem este conflito ser determinado ou declarado por qualquer organismo representativo ou pelos anarquistas que promoveram a iniciativa. A terceira característica era a completa autonomia destes grupos, ou seja, eles não tinham ligações com quaisquer partidos ou sindicatos etc. A luta contra a base é conhecida apenas em parte. E não sei se é o caso de lembrar a história aqui novamente, apenas quis mencioná-la como um exemplo.

Portanto, o anarquismo insurrecionalista deve ultrapassar um problema essencial. Ele deve ir para além de um certo limite, caso contrário permanecerá nada mais do que a ideia de anarquismo insurrecionalista. Isto quer dizer que os companheiros que viveram essa insurreição de natureza pessoal que mencionamos anteriormente; essa iluminação que produz uma ideia-força dentro de nós, em oposição ao tagarelar da opinião, e que formam grupos de afinidade, que entram em relacionamentos com companheiros de outros lugares através de um tipo informal de organização, apenas realizam uma parte do trabalho. A dado momento essas pessoas devem decidir, devem ir para além da linha divisória, dar um passo a partir do qual não é fácil voltar atrás. Eles devem entrar num relacionamento com pessoas que não são anarquistas acerca de um

problema que é intermédio, circunscrito (tal como, por exemplo, a destruição da base em Comiso). Não importa o quão fantástica ou interessante esta ideia possa ter sido, ela certamente não foi a realização da anarquia. O que teria acontecido se tivesse realmente conseguido entrar na base e destruí-la? Não sei. Provavelmente nada, provavelmente tudo! Não sei, ninguém o pode dizer. Mas a beleza de realizar o evento destrutivo não é para ser encontrada nas suas possíveis consequências.

Os anarquistas não garantem nenhuma das coisas que fazem. Eles focam a responsabilidade de pessoas e estruturas, com base na decisão de que estão determinados a atuar, e a partir desse momento sentem-se seguros de si mesmos, pois a ideia de justiça ilumina a sua ação. Ela foca a responsabilidade de uma pessoa, ou de mais do que uma, uma estrutura ou muitas estruturas, e as consequências a que tal responsabilidade conduz. É aqui que encontramos determinação dos anarquistas para agir.

Mas uma vez que eles agem em conjunto com outras pessoas, devem também tentar construir organismos que sejam capazes de se manter unidos e de criar consequências na luta contra o poder. Não devemos nunca nos esquecer disto. E este é um ponto importante para refletirmos: que o poder se realiza no tempo e no espaço, ele não é algo abstrato. O controle não seria possível se os batalhões da polícia não existissem, se as prisões não existissem. O poder legislativo não seria possível se o parlamento não existisse, ou se não houvesse pequenos parlamentos regionais. O poder cultural que nos oprime, que fabrica opinião, não seria possível se não houvesse escolas nem universidades. Agora, escolas, universidades, batalhões da polícia, prisões, indústrias, fábricas, são todas coisas que se realizam em locais específicos, em zonas circunscritas nas quais podemos

vaguear apenas se aceitarmos dadas condições e alinharmos no jogo. Nós estamos aqui hoje porque concordamos jogar o jogo. Não teríamos sido capazes de entrar no edifício se assim não fosse. Isto é interessante. Podemos usar estruturas deste tipo, mas na altura do ataque, tais lugares nos são proibidos. Se tivéssemos aqui vindo com a intenção de atacar, a polícia obviamente teria nos impedido.

Agora, porque o poder se realiza no espaço físico, a relação dos anarquistas com isto é importante. É claro que a insurreição é um fato individual e, portanto, naquele lugar bem dentro de nós, à noite enquanto estamos quase a adormecer, pensamos: "...bem, em última análise as coisas não estão demasiadas mal"; nos sentimos em paz com nós mesmos e adormecemos. Aí, nesse particular lugar dentro de nós, nesse espaço privado, podemos nos movimentar como quisermos. Mas depois devemos nos transferir para o espaço físico da realidade social. E o espaço físico, quando se pensa nisso está quase totalmente sob o controle do poder. Portanto, quando nos movimentamos neste espaço nós levamos este valor de insurreição conosco, estes valores revolucionários, e os ajustamos num conflito no qual não somos os únicos presentes. Devemos então individualizar objetivos significativos e verificar a sua existência – e se tivermos sorte estes objetivos existem para sempre, em todo o lado -, contribuir para criar as condições para que as pessoas, os explorados nas costas dos quais estes objetivos são realizados, façam algo para os destruir.

Acredito que este processo revolucionário tem uma natureza insurrecional. Não possui objetivos (e isto é importante) de natureza quantitativa, pois a destruição de um alvo ou o impedimento de um projeto não podem ser medidos em termos quantitativos. Por vezes acontece alguém de alguém me perguntar: "mas que resultados

conseguimos obter?”. Quando algo é feito, as pessoas depois nem sequer se lembram dos anarquistas. “Anarquistas? Quem são estes anarquistas? Monarquistas? São essas pessoas que apoiam o rei?”. As pessoas não se recordam muito bem. Mas o que é que isso interessa? Não é a nós que elas devem recordar, pois a luta é delas; nós somos apenas uma oportunidade nessa luta. Somos algo extra.

Na sociedade libertada onde a anarquia foi alcançada numa dimensão bastante ideal, os anarquistas, que são indispensáveis na luta social a todos os níveis, teriam simplesmente o papel de empurrar as lutas cada vez mais para a frente; eliminando mesmo os menores traços de poder e sempre aperfeiçoando a tensão em direção à anarquia. Os anarquistas, em qualquer caso, habitam um planeta desconfortável, pois quando a luta está a correr bem eles são esquecidos e quando a luta corre mal, são acusados de serem os responsáveis, de terem tido uma abordagem errada, de terem conduzido às conclusões erradas. Não tenhamos ilusões, portanto, no que diz respeito a quaisquer resultados quantitativos: se a luta realizada de um ponto de vista insurrecional está correta, se correu bem, os resultados, se é que os há, podem ser úteis às pessoas que a levaram a cabo, não aos anarquistas, certamente. É importante não cairmos na ilusão em que muitos anarquistas caem, de acreditar que o desfecho positivo de uma luta pode resultar num crescimento nos nossos grupos, porque isso não é assim e isto conduz sistematicamente a desilusões. O crescimento dos nossos grupos e um aumento no número de companheiros é importante, mas isso não vem no seguimento dos resultados obtidos, mas através da construção, da formação, dessas ideias-força, a explicitação sobre a qual falamos antes. Os resultados positivos das lutas

e o crescimento numérico em grupos anarquistas são duas coisas que não podem ser vistas como um processo de causa e efeito. Elas podem estar relacionadas, ou podem não estar.

Apenas algumas palavras para sumariar. Falei sobre o que o anarquismo é, o que a democracia é e sobre a incompreensão com a qual constantemente somos confrontados; das maneiras que as estruturas do poder a que chamamos capitalismo moderno, capitalismo pós-industrial, estão a ser transformadas; de algumas estruturas anarquistas de luta que não mais são aceitáveis hoje em dia e do modo que alguém pode se opor à realidade do poder e, finalmente, mencionei a diferença entre anarquismo tradicional e o anarquismo insurrecional do presente.

Obrigado.



EDIÇÕES INSURRECTAS
2019